

Anotações sobre a lenda da Cobra Norato¹ **Notes sur la légende de Cobra Norato**

Paulo Maués Corrêa
Universidade Federal do Pará-UFPA
Belém-Brasil

Resumo

O presente estudo é uma apreciação de uma lenda peculiar da Amazônia, a Cobra Norato, que se configura como uma versão particular da famosa lenda da Cobra Grande, tão recorrente na tradição oral da região, bem como nos registros de muitos autores, olhares sintetizados em meu livro *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (CORRÊA, 2016). Aqui, exponho as mais antigas referências escritas sobre a Cobra Norato – Hygama, num livro de 1900, *Contos e Lendas Paraenses*, e Ignácio Moura, em seu *De Belém a S. João do Araguaia, Vale do Rio Tocantins*, obra publicada originalmente em 1910 –, apontando as conexões projetadas pelo enredo em outros autores, inclusive da ficção, como Dalcídio Jurandir e João Vianna.

Palavras-chave

Amazônia; Lenda; Cobra Norato.

Résumé

Il s'agit d'une appréciation d'une légende particulière de l'Amazonie, la Cobra Norato, configurée comme une version spécifique de la célèbre légende de la Cobra Grande, si récurrente dans la tradition orale de la région, ainsi que dans les récits de nombreux auteurs, questions synthétisé dans mon livre *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (CORRÊA, 2016). Je présente ici les premières références écrites à propos de Norato – Hygama, dans le livre *Contos e Lendas Paraenses*, publié en 1900, et Ignácio Moura, dans l'ouvrage intitulé *De Belém a S. João do Araguaia, Vale do Rio Tocantins*, publié à l'origine en 1910 –, soulignant les liens projetés par la légende dans d'autres auteurs, y compris la fiction, tels que Dalcídio Jurandir et João Vianna.

Mots-clés

Amazonie; Légende; Cobra Norato.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Poéticas Amazônicas e Seus Atravessamentos, no 5º Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís, promovido pelo GT De Literatura Oral e Popular – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), ocorrido entre 13 e 16 de novembro de 2019 na Universidade Federal do Pará – Campus de Soure, na Universidade do Estado do Pará – Campus de Salvaterra e no Museu do Marajó, em Cachoeira do Arari.

Introdução

O imaginário amazônico é cheio de personagens que possuem vasta quantidade de histórias espalhadas pela região e ainda vivas e pulsantes em comunidades tradicionais, assim como em grandes centros urbanos, devido à mobilidade que caracteriza parte da população, que se desloca do interior para as grandes cidades. Tais personagens se caracterizam pela associação aos elementos – inevitável me reportar ao suporte teórico de Gaston Bachelard –, havendo os ligados à terra (Curupira, Mapinguari, Anhangá), ao ar (Matinta Perera, Uirapuru, Acauã), ao fogo (Fogo-Fátuo e histórias de dinheiro enterrado) e à água (Boto, Yara, Cobra Grande).

Na presente ocasião, me detenho no elemento água, com atenção ao último personagem referido, a Cobra Grande, que, no dizer de Paes Loureiro, possui “um ciclo de interesse inesgotável e vasto de transfigurações” (2001, p.221), transfigurações essas trabalhadas por mim em livro específico sobre o assunto, *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia* (CORRÊA, 2016), estudo no qual exploro a cobra como serpente natural, como encantado e como navio.

Entretanto, o que mais me interessa destacar nesta breve exposição é uma feição particular de Cobra Grande, a Cobra Norato, cujo enredo básico da versão mais conhecida consiste no que narro na sequência. Certa mulher foi encantada por uma Cobra Grande e ficou grávida. Quando chegou a hora, ela pariu duas cobrinhas no lugar de duas crianças, e elas foram jogadas no rio. Eram duas cobras encantadas, Maria Caninana era má, e Norato era uma cobra boa, evitava que a irmã afundasse as embarcações. Certa vez, Caninana se enamorou de outra cobra de fundo, e elas se juntaram para causar transtornos aos moradores da região, por isso Norato as matou, ficando cego de um olho por causa da luta.

Depois disso, Norato, como encantado, passou, assim como faz o Boto, a assumir a forma humana e se apresentar a outras pessoas, geralmente em festas de beira de rio, escolhendo uma dessas pessoas para pedir que quebrasse seu encanto. Para tanto, indicava local, data e hora, afirmando que apareceria em forma de imensa cobra, que a pessoa deveria ferir com um terçado virgem, jogando, em seguida, leite de peito em cima. Caso a pessoa tivesse medo e não cumprisse o acordo, dobraria o encantamento de Norato.

Somente em Cametá ele encontrou um soldado que quebrou o encanto. Depois disso, Norato sentou praça e faleceu nesse município, anos mais tarde.

A maioria das narrativas que envolvem desencantamento se constitui de variantes da história de Norato. Noutro estudo, apresento mais variantes para se fazer o desencantamento de uma Cobra Grande (CORRÊA, 2016, p.66).

Paulo Nunes aproveitou o enredo da lenda, apontando Cametá como cenário para o conflito entre Norato e Caninana, na composição do *miniconto* intitulado *Parto*:

Encantada,
pariu 2 cobras
em vez de curumins.
Crescidos,
Norato enfrentou Caninana
na beira do rio.
Cametá,
era ciúme nas revoltas ondas? (2014, p.14)

Os registros mais famosos são de Câmara Cascudo (1983 e 2001) e de José Carvalho (1973), e ambos apontam duas regiões: o baixo Amazonas, cidade de Óbidos, e o baixo Tocantins, cidade de Cametá, como os cenários para as aventuras de Norato. Dado significativo é que, após o desencantamento, o fogo é usado para queimar a pele de cobra na qual Norato morava. Trata-se do fogo purificador, elemento carregado com as noções antagônicas do bem e do mal e que, conforme Bachelard, “brilha no Paraíso, abrasa no Inferno. É doçura e tortura” (1999, p.11). No registro de Carvalho, “O corpo da cobra foi queimado e reduzido a cinzas” (1973, p.33).

A história de Norato é considerada por Cascudo “uma das mais populares tradições paraenses da região do Tocantins. Espalhou-se por toda Amazônia” (1983, p.254). Além de Óbidos e Cametá, há registros da presença de Norato na região bragantina, conforme se vê no livro *Bragança Conta...*, organizado pela Professora Socorro Simões (2016), mas oralmente Norato está presente em outros tantos municípios.

Na história em questão, nasceu um casal de cobrinhas, não nomeadas, mas a referência a Norato está no título – *A grande cobra Norato* (2016, p.144-145) –, elas cresceram no rio e passaram a visitar sua mãe. Com o tempo, a filha começou a namorar com uma cobra não encantada, e o irmão dela desaprovou o namoro e acabou matando essa cobra, mas não a irmã, diferente do que ocorre nas versões mais conhecidas. Além dessa diferença, há outras: apareceu uma moça e desencantou a cobra fêmea, que passou a morar com a mãe; e a cobra macho ficou à procura de quem a desencantasse, até encontrar um soldado que, embriagado, foi fazer o desencante e, dado seu estado etílico, ao invés de cortar somente a ponta do rabo da cobra, cortou muito, a ponto de atingir a “espinha”, o que evitou o desencante e causou a morte do encantado.

A história de Norato possui conexões com outro personagem lendário, o Boto. Segundo registro de Cascudo (1983, p.254), a mãe de Norato teria sido engravidada pelo maior sedutor das águas amazônicas. Essa associação explicaria, por exemplo, a antropomorfia de Norato, assim como sua destreza na arte de dançar e seduzir, caracteres herdados de seu pai Boto, que aparece todo vestido de branco e dança a noite toda com as moças nas festas de beira de rio, aventura condensada nas seguintes estrofes do famoso

poema *Foi Boto, Sinhá*, de Antônio Tavernard², cujo texto integral foi musicado pelo Maestro Waldemar Henrique:

Foi boto, sinhá,
Foi boto, sinhô
Que veio tentá
E a moça levou

No tar dançará
Aquele doutô
Foi boto, sinhá
Foi boto, sinhô. (1986, p.332)

Carvalho considera que a lenda de Norato é “relativamente moderna” (1973, p.31), o que pode ser inferido pelo fato de nenhum dos autores de relevância quando se trata do assunto, sobretudo no século XIX, fazer referência à personagem. Nesse sentido, o registro mais antigo que encontrei da lenda da Cobra Norato – ou Honorato, como cita o texto – é *A boiuna do Atué*, que está publicada num livro de Hygino Amanajás (Hygama), datado de 1900. O cenário da história se situa no Marajó, onde ocorria uma festa tradicional em devoção a Santo Antônio, a qual duraria de 12 de junho, véspera do dia desse santo, até o dia de São João, 24 de junho. O ano indicado no conto é 1832, o que daria margem para registros anteriores a 1990, o que, até a conclusão deste texto, não consegui constatar.

Nessa festança, destacava-se a figura da filha do dono da casa, Joanelha, moça bonita e faceira, de apenas 18 anos de idade. Na noite do terceiro dia de festa, adentrou o salão um rapaz que chamava muito a atenção, por seus modos e por sua beleza, e, por isso, literalmente, encantava. Em dada altura, ele fez um pedido para que a moça lhe reservasse um lugar para dormir, pois havia três dias que não repousava, pedido ao qual ela, com o auxílio de sua avó, atendeu. Porém, antes de se encaminhar para o quarto, o jovem fez-lhe o seguinte pedido:

— Peço-lhe pois que me deixe dormir até as quatro horas da madrugada e que a essa hora vá chamar-me. Feche o quarto por fora, guarde a chave e, quando der quatro horas, chame-me pelo buraco da fechadura; mas não se espante se vir alguma coisa de extraordinário. Depois... seremos felizes e essa felicidade devê-la-ei a senhora. Promete? (1990, p.50)

Ela prometeu, e ele foi dormir. Mas a moça se descuidou do horário. O galo já havia cantado três vezes, e o rapaz continuava dormindo. Ouvindo o canto daquele despertador natural, Joanelha recordou-se de seu compromisso e foi acordar o rapaz. Porém, como não lhe sabia o nome, olhou pelo buraco da fechadura e nada viu, abriu a porta e entrou, se deparando com uma cena que a deixou atterrada. Ainda chamou a avó para ver aquele

² Para quem desejar conhecer uma leitura mais ampla desse poema, sugiro a visualização de vídeo a respeito, no canal que possuo no YouTube: <https://youtu.be/26bd-hFNoSM>.

“enorme rolo de cobra” (1990, p.52). A casa começou a ruir, e todos reconheceram que se tratava de uma Boiuna (outra forma se nomear a Cobra Grande).

Tempos depois, as pessoas ainda contavam que, quando se passava às proximidades do local, eram ouvidos barulhos de festa, de animais, e especialmente aquele canto de galo. No desfecho do texto, é apresentada uma sentença diferente para se desencantar a Cobra Norato:

A lenda diz:

“Havia um moço de nome Honorato, que ficou *encantado* nas águas. O seu *encanto* só poderia ser quebrado se uma menina formosa de 18 anos completos, o fosse despertar, quando dormisse, transformado em *cobra-grande*, sem que manifestasse susto ao ver esse monstro.” (1990, p.54) (grifo do autor).

Esse dado justificaria a insistência de Norato – ou de outra Cobra Grande – em continuar participando dessas festas, mesmo sabendo do risco da situação. Quanto à Joanelha, sua alma ficou presa ao local, informação que, na história de Hygama, foi repassada por um senhor que teve a coragem de seguir por terra até o Atua. Ele viu uma linda moça, chorando sentada à margem da água. Quando ela ouviu o trote do cavalo do homem, se espantou e se lançou nas águas. Ela foi reconhecida, e, depois disso, nunca mais foi vista por ninguém.

O desencantamento efetuado por uma figura feminina que passaria a ser o par do desencantado é evidente na tradição do conto maravilhoso, como se pode ver, por exemplo, em *O Príncipe Sapo*, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, os famosos irmãos Grimm, responsáveis por alguns dos mais conhecidos clássicos da Literatura Infante-Juvenil. Nesse texto, uma linda princesa foi à beira de uma fonte, num bosque, e começou a jogar para cima uma bola dourada. Ela a jogava para o alto e a apanhava em seguida. Até que, em dado instante, ela deixou a bola cair na fonte. O objeto foi para o fundo, e a princesa não tinha meios de pegá-lo, ficando muito triste por conta disso. Apareceu, então, um sapo, e fez-lhe a seguinte proposta: “— Não quero tuas pérolas e joias, nem tuas roupas luxuosas, mas se me amares e me deixares viver contigo, se deixares que eu coma em teu pratinho de ouro e durma em tua caminha, trarei de volta a tua bola” (2002, p.16).

A princesa concordou, recebeu sua bola de volta e foi-se embora, não dando mais atenção ao sapo. Porém, no dia seguinte, na hora do jantar, ela ouviu um barulho: era o sapo que vinha cobrar o cumprimento do trato. Diante da indesejável visita, ela se assustou e fechou a porta. O rei, ao saber dos detalhes do ocorrido, recomendou que a filha cumprisse o que havia prometido. No terceiro dia de convivência entre a princesa e o sapo, ela acordou e se deparou com um príncipe lindo, que explicou que havia sido enfeitado por uma fada má, por isso adquirira a forma de sapo, mas a jovem o desencantou, o que só aconteceria

caso uma princesa o deixasse dormir por três noites em sua cama: “— Tu quebraste este encanto cruel, e agora eu nada tenho a desejar além de que venhas comigo para o reino de meu pai, onde contigo me casarei, te amando enquanto viveres” (2002, p.19).

Eles se casaram e viveram felizes por muitos anos... Os textos colocados aqui em contraponto – de Hygama e dos Grimm – possuem um destacado ponto em comum: a possibilidade de desencantamento a partir de uma personagem feminina capaz de suportar a aversão ao encantado (a cobra e o sapo) – o mesmo se vê nas variantes de *A Bela e a Fera*. Entretanto, o final da história é oposto. Essa oposição deixa entrever uma distinção essencial entre o mito e o conto de fadas, de acordo com Bruno Bettelheim: “Uma diferença ainda mais significativa entre estas duas espécies de histórias é o final, que nos mitos é quase sempre trágico, enquanto sempre feliz nos contos” (1980, p.47). O espelhamento entre esses gêneros textuais, ainda na perspectiva de Bettelheim (1980, p.45), projeta um encadeamento: o pessimismo está para o mito assim como o otimismo está para os contos de fadas. Daí o final feliz em *O Príncipe Sapo*, e o final trágico em *A boiuna do Atué*.

O enredo dessa história se repete em outras fontes. Por exemplo, Zeneida Lima (1998, p.40-42) o associa à pajelança, nomeando o seu protagonista como o Caruana Norato Antônio, que, tal como na história de Hygama, foi surpreendido pela curiosidade de uma mulher. Devido à imprudência da moça, tudo foi ao fundo, dando origem ao famoso lago Guajará. O final da história enfatiza o aspecto moralizante: as pessoas devem evitar as “paixões incontroláveis” e as “curiosidades doentias”, ilustração de uma das funções do narrador apontadas por Walter Benjamin (1994, p.200): dar conselhos.

Outros espaços da Amazônia também têm sua origem associada a esse mesmo enredo, como acontece, por exemplo, com a Pacoca, ilha considerada encantada no município paraense de Abaetetuba, que teria ficado encantada justamente depois que uma moça se assustou diante da imensa cobra que dormia no quarto em que o belo rapaz Norato havia se recolhido para repousar. Segundo Bruno de Menezes, “Com grito de pavor [da moça imprudente], a cobra deu um grande urro, dizendo: ‘Te perdeste e me condenaste’, ruindo a palhoça e desaparecendo tudo no abismo das águas” (1993, v.2, p.338).

Literariamente, Dalcídio Jurandir se valeu desse enredo em um de seus romances, *Três casas e um rio* – sem nomear Norato –, na narração efetuada pela personagem Lucíola, respeitando a mesma estrutura presente nos registros de Hygama, Lima e Menezes, salvo um detalhe ou outro: uma família originária de Anajás havia se mudado para outro local chamado Maguari, onde, em uma festa de aniversário, surgiu um lindo rapaz que foi puxar Diana para dançar. Ele era gracioso, cheiroso, dançava bem, o que fez com que a moça não quisesse dançar com mais ninguém, somente com ele. À meia-noite, ele pediu um quarto para descansar e recomendou que Diana trancasse a porta e ficasse com a chave, sem a

mostrar às demais pessoas. Ela fez conforme ele havia pedido. Entretanto, há um dado diferente em relação às histórias antes apresentadas: havia outra moça, conhecida como Miúda, que estava acompanhando a movimentação do casal e se aproveitou da distração de Diana para pegar a chave e entrar no quarto. No desdobramento da ação da invejosa, segue a fala do homem-cobra, semelhante ao discurso apresentado anteriormente por Menezes:

Rápida, [Miúda] abriu o quarto e recuou de um salto, gritando ao ver, enrolada na rede, uma negra e enorme cobra dormindo. Diante do povo que se amontoou, mundiado, a cobra ergueu então a cabeça com dois olhos amarelos que brilhavam como relâmpagos e falou ainda na voz do rapaz:
— Ah, Diana, tu me traíste. Mas tu me pagas (JURANDIR, 1994, p.317).

Depois da descoberta, como “pagamento” pela “traição” de Diana – mesmo que involuntária –, a Cobra Grande arrastou para as águas a casa e os que lá estavam. Esse é um exemplo de como Dalcídio Jurandir é, nas palavras de Salles, um “artífice da reconstrução dos contos populares” (2006. p.218).

Outro exemplo de uso literário dessa história é de João Vianna, que costurou, em seu romance *A Fazenda Aparecida*, através da fala da personagem Pedro Cuia, a já conhecida lenda de origem do lago Guajará. O protagonista não é nomeado, mas é exposto como um jovem muito bonito e elegante que tocava seu violino encantador. Após se retirar para dormir em um dos quartos da casa onde estava acontecendo o baile, aguardava, já em forma de cobra, que, à meia-noite, uma moça corajosa o fosse acordar, em plena escuridão, para desencantá-lo. Porém, o desfecho, assim como nas outras versões, foi um tanto diferente do que ele esperava:

Quando o relógio feriu meia-noite, ela [a moça incumbida de acordar o personagem] lembrou-se do pedido do rapaz, mas receou ir sozinha ao quarto escuro de uma pessoa com quem tinha pouca intimidade. Chamou duas companheiras e, pegando uma lamparina, dirigiram-se em seguida para o quarto onde se havia recolhido o violinista. As duas companheiras aguardaram na porta na porta, enquanto a pobre moça penetrou no quarto com a lamparina na mão. Foi um golpe inesperado, rápido e horroroso! Uma enorme cobra lançou-se enfurecida sobre a moça, e os grossos anéis do seu corpo pesado caíam com estrondo no assoalho, abalando os alicerces da casa, que submergiu com todas as pessoas e bichos que nela se encontravam, aparecendo, desde então, naquele local, o Lago do Guajará com todos os seus mistérios e fantasmas... (VIANNA, 1998, p.78-79).

Quanto à casa onde ocorreu o fato, transformou-se num navio que, durante as noites, todo iluminado, “manobra no Lago, com músicos que tocam, galos que cantam, pessoas que gritam, cumprindo o fado do seu encantamento” (VIANNA, 1998, p.79). A articulação entre a Cobra Grande e o navio encantado é estreita, sendo possível a transmutação dessa personagem justamente em uma embarcação, e exemplos dessa ordem

se encontram detalhadamente apresentados e comentados no meu trabalho de maior extensão sobre o assunto (CORRÊA, 2016).

Depois do registro de Hygama, a referência mais antiga que encontrei está num livro publicado em 1910 por Ignácio Moura que aborda o tema de forma pejorativa:

a cobra grande me parece até agora um animal fabuloso e nunca me esquecerei da lenda da *Cobra Honorato*, que muito me divertia em criança. Era o caso de uma rapariga mestiça ter dado à luz duas cobrinhas, uma das quais cresceu tão prodigiosamente que foi vista no Tocantins, em todo o distrito de Cametá. A fábula impressionara o fetichismo da gente ignorante, garantindo que o Honorato se transformava em um guapo rapaz, para dançar nos folgedos e pagodes, guardando o incógnito de sua condição (1990, p.179).

Esse tipo de relato ignora a natureza do mito/lenda, pois as histórias de Norato estão ligadas à etiologia de vários lugares, como se viu anteriormente, e esse tipo de explicação é uma das funções do mito, conforme Eliade, pois “o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir” (1998, p.11).

Esse conjunto de narrativas em torno do surgimento de determinados locais se constitui a partir de variantes da história da Cobra Norato, a qual é considerada característica do Pará, como é referido por Carvalho: “A ‘pátria’ de ‘Honorato’ não está definitivamente assentada. Muitas são as regiões paraenses que disputam esta ‘glória’, porque a lenda é genuinamente do Pará” (1973, p.31).

Existe uma versão literária, de Salomão Larêdo (2006), em *Sarrabulho: a lenda da Cobra Norato – encantamento amazônico*, que situa as aventuras do personagem num plano internacional, trocando o rio Tocantins ou o Amazonas por rios em Nova York e outros locais do estrangeiro.

Há, portanto, uma corrente diversa da apontada por Carvalho em relação à delimitação da lenda da Cobra Norato às terras paraenses, como se percebe na postura de Bruno de Menezes, para quem ela é “de repercussão universal” (1993, v.2, p.338). Prova disso são as múltiplas conexões entre esse enredo e textos advindos de outros lugares e de outros tempos, como já fiz, anteriormente, em relação ao texto dos irmãos Grimm. No caso do enredo trabalhado por último, o da descoberta da zoomorfia do protagonista, podem-se perceber ecos de uma tradição anterior, advinda, segundo Cascudo, de nossas heranças africanas, pois os africanos “trouxeram muitos mitos onde as serpentes figuravam” (1983, p.255), e também de fontes lusitanas, a partir, por exemplo, das Mouras Encantadas, que podem ser mulheres que se transformam em serpentes e procuram quem quebre seu encantamento.

Por esse perfil, Cascudo considera que o ciclo da Cobra Norato “é o que há de mais brasileiro” (1983, p.135). No entanto, ele apresenta a ressalva de que “É nacional se ignorarmos os episódios semelhantes em todos os folclores do mundo” (1983, p.135). Nesse sentido, há que se considerar, por exemplo, um diálogo com uma narrativa de Antoine de La Sale, publicada no século XV, e comentada num livro de Marina Warner. La Sale se dedicou a investigar em torno da história da Sibila, personagem considerada lendária no sul da Itália, possuidora de atributos como a previsão do futuro. Ele expõe a história de um cavaleiro alemão que alcançou o reino da Sibila, enamorou-se por ela e lá passou a habitar com homens e mulheres de beleza considerável, aspecto que ele descobriu ser ilusório, pois, de modo semelhante ao que acontece no enredo da história de Norato, ocorre o seguinte:

Mas, então, por desgraça, ao espiar sua amada à meia-noite de uma sexta-feira, depois que ela se trancara em seu quarto como era seu costume, esse cavaleiro descobriu, como o valoroso e casto Guerino [personagem que havia passado pela mesma experiência], que ela não passava de uma ilusão, e que “todas as suas damas transformavam-se em cobras e serpentes” (1999, p.32).

Como se vê, a lenda de Norato, apesar da mudança de gênero dos protagonistas, possui vínculos com textos variados, e a perspectiva comparativa permite uma fértil leitura dessa lenda. Também ficou patente nesta exposição que a lenda em questão transita entre a letra e a voz, para fazer alusão a conceitos propagados por Zumthor (1993), e que o livro *Cobra Norato*, de Raul Bopp, não se mostra como uma adaptação ou releitura das variantes aqui referidas, o que não se constitui em tema de menor importância, porém esse é um recorte que fica para uma outra oportunidade, quando publicar um estudo mais amplo sobre a Cobra Norato.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. 2.ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1. p.197-221.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CARVALHO, José. *O Matuto Cearense e o Caboclo Paraense: Contribuição ao Folclore Nacional*. 2.ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1973.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1983. (Coleção Reconquista do Brasil, 78)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CORRÊA, Paulo Maués. *Cobra Grande: terror e encantamento na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2016. (Coleção Lendas Amazônicas; 1)

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *O Príncipe Sapo e outras histórias*. Trad. Zaida Maldonado. Porto Alegre: L&PM, 2002. (Coleção L&PM Pocket)

HYGAMA. *Contos e Lendas Paraenses*. Belém: J. B. dos Santos & Cia, 1900.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 3.ed. Belém: Cejup, 1994.

LARÊDO, Salomão. *Sarrabulho: a lenda da Cobra Norato – encantamento amazônico*. Belém: Supercoros, 2006. (Coleção Mapará)

LIMA, Zeneida. *O Mundo Místico dos Caruanas e a revolta de sua ave*. 4.ed. Belém: Cejup, 1998.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001. (Obras Reunidas, v.4)

MENEZES, Bruno de. *Obras Completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Lendo o Pará, 7) 3.v.

MOURA, Ignácio Baptista de. *De Belém a S. João do Araguaia, Vale do Rio Tocantins*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990. (Lendo o Pará, 4)

NUNES, Paulo. *Gitos, meus minicontos amazônicos*. Belém: Paka-Tatu, 2014.

SALLES, Vicente. Dalcídio Jurandir, contador de estórias. In: NUNES, Benedito, PEREIRA, Ruy, PEREIRA, Soraia Reolon (Orgs.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*. Belém: Secult; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006. p.219-229.

SIMÕES, Maria do Socorro (Coord.). *Bragança Conta...* Belém: UFPA/Cejup, 2016. (Série Pará Conta; 4)

TAVERNARD, Antônio. *Obras Reunidas*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986.

VIANNA, João. *A Fazenda Aparecida*. Belém: Secult, 1998. (Lendo os Municípios; 2)

WARNER Marina. *Da Fera a Loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. Trad. Thelma Médiçi Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amalio Pinheiro, Gerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRE O AUTOR

Paulo Maués Corrêa: Professor da Rede Estadual de Ensino – SEDU-PA. Licenciado em Letras (UFPA/2001), Especialista em Literatura e suas interfaces (UEPA/2004), Mestre (2006) e Doutor (2020) em Estudos Literários (UFPA). Membro dos Grupos de Pesquisa Makunaíma: literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina (CNPq/UFPA) e Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de conteúdo para o YouTube: https://www.youtube.com/channel/UCDi0iNGA2gfstKEK1T2rrEA?sub_confirmation=1.

E-mail: paulomauescorrea@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8692-624X>

Recebido: 12/09/2020

Aceito: 16/09/2020